

GUSTAVE MANNERHEIM

Por ODORICO COSTA



No cenário caótico do mundo moderno dilacerado pela guerra, entre figuras gigantes as que pontificam nos departamentos econômicos e financeiros, entre líderes políticos e militares, nenhuma mais interessante que a de Gustave Mannerheim, construtor dos alicerces da independência da Finlândia.

Descendente de uma grande e tradicional família finlandesa, originária desse povo finês de origem nebulosa, que surgiu no nordeste europeu muito antes da era cristã, Gustave Mannerheim fez uma carreira brilhante no exército russo, chegando a ser elevado ao posto de coronel,

por ato de bravura, no próprio campo de batalha, na guerra russo-japonesa.

Vindo a paz, Gustave Mannerheim foi encarregado pelo governo czarista de realizar uma grande expedição a cavalo ao centro da Ásia, para estudos e para observações geográficas e etnográficas.

Na guerra de 1914, Gustave Mannerheim foi chamado a prestar serviços à Rússia, no posto de general, tendo comandado um grande destacamento de cavalaria que, vezes seguidas, nos mais rudes entreveros, conquistou as palmas da vitória na luta contra os alemães.

Em 1917, mesmo quando a paz ainda não se delineava, já se sentia o coruscar de tremendos acontecimentos no sub-solo político da Europa.

A Finlândia, até 1808 pertencente à Suécia, incorporada depois, como grão-ducado, à Rússia, sentiu a aproximação de grandes acontecimentos e foi salteada de profundos desejos libertários. Os carelios e tavastos asperos e rudes, esparramados pela rendilha dos lagos do território finlandês, começaram a sonhar com a independência de sua terra, ela que se bastava a si mesma e tinha sobras com que distribuir pelos povos vizinhos.

Mas a independência da Finlândia se apresentava cheia de dificuldades terríveis: pertencente à Rússia, desde 1808, a Finlândia fôra proibida de organizar legiões militares e de importar armas. Era uma região tristemente desarmada.

Deliberada a revolução para a independência da Finlândia, o então general Gustave Mannerheim viu que era indispensável o auxílio da Alemanha. O seu desejo era fazer a independência com o material legitimamente nacional. Mas a época era de premências e os escrupulos de ordem patriótica não poderiam prevalecer em face do bem da pátria. Por isso, Gustave Mannerheim conseguiu conduzir cerca de 2.000 jovens finlandeses para a Alemanha, onde receberam instrução militar e se organizaram em unidade de combate. Preparada essa tropa, foi ela repatriada, em segredo, constituindo o elemento inicial do grande exército com que Gustave Mannerheim fez a independência finlandesa.

A química da revolução finlandesa foi complexa e dolorosa. Na beira dos lagos e nos bosques, nas aldeias e nas grandes cidades as negociações foram feitas no mais absoluto segredo até que a 6 de dezembro de 1917 o parlamento finlandês decretou a independência "formal e completa do país".

Essa proclamação representa um esforço e uma audácia incriveis. A declaração da independência foi feita sem um exército, sem uma força regular para apoiá-la.

Entretanto, a 6 de janeiro de 1918 estalava uma revolução integral na Finlândia. A revolução surgiu em um turbilhão sangrento, em que, por vezes, surgiam notícias de terríveis vitórias de vermelhos, de brancos e de finlandeses, todos estremesclados num turbilhão de luta, numa luta turbilhonante em que dificilmente os figurantes poderiam ser perfeitamente identificados.

A independência da Finlândia que, logo de início, fora reconhecida pela Noruega, pela Suécia, pela Dinamarca, pela Alemanha e pela França, dessa altura em diante teve o apôio da legião cívica de Mannerheim. O destacamento de jovens procedentes

los campos de instrução da Alemanha era, agora, um exército. Em poucas semanas Mannerheim organizou um exército onde não existia a mais sumária organização militar.

A Alemanha, nessa altura, deliberou ajudar a Finlândia e para lá enviou a "Divisão Baltica" que ajudou a primeira vitória de Mannerheim, na tomada de Tempere, atacada por 50.000 combatentes e defendidas por 75.000 russos.

O exército russo, em 1918, era um caos. Vermelhos e brancos se entrevoravam furiosamente, sem treguas e sem descanso. O império russo estava se desfazendo em sangue e em sangue surgia a ditadura do proletariado.

A luta pela independência da Finlândia, chefiada por Mannerheim, teve o caráter de uma guerra civil tremenda. Finlândeses se batiam contra russos brancos e russos vermelhos ao mesmo tempo.

Finalmente, com a vitória de Ino no dia 15 de maio, ficou consolidada a independência da Finlândia e, a 16 desse mesmo mês, Mannerheim entrou em Helsinki entre manifestações populares que chegaram ao delírio. Os asperos camponeses da beira dos lagos choravam de alegria.

Conquistada a vitória, proclamada pelas armas a independência da Finlândia, as dificuldades não cessaram. Lenine reconheceu a independência do grão-ducado, mas não retirara da Finlândia as guarnições militares russas. Os alemães componentes da "divisão baltica" não demonstravam desejos de deixar o país. A discussão em torno da formação de um exército nacional colocou Mannerheim em choque com os líderes do governo: estes queriam um exército nos moldes alemães e Mannerheim queria um exército nacional, de feição finlandesa, para defender a Finlândia. A dissensão se transformou em um dissídio aspero de que resultou a demissão de Mannerheim do cargo de generalíssimo das forças finlandesas em 31 de maio de 1918.

Entretanto, sobre a catástrofe russa, delineava-se a decomposição do império alemão. O governo de Helsinki pressentiu a aproximação de acontecimentos terríveis e mandou Mannerheim à França e à Inglaterra para dizer o que a Finlândia queria. Paris e Londres, empolgados pela vitória que se firmava cada

vez mais, se desinteressavam do que estava acontecendo no nordeste europeu.

Regressando a Helsinki, Mannerheim deu conta de sua incumbência e dela surgiu a renúncia do presidente Svinhuirof a 12 de dezembro de 1918, sendo Mannerheim nomeado regente do país.

Durante sete meses Mannerheim trabalhou ativamente e conseguiu consolidar a independência do país e constitucionalizar a Finlândia. Em março de 1919, no terrível tumulto de após-guerra, Mannerheim entregou a carta política da Finlândia.

Prosseguindo no complemento de medidas que organizavam a Finlândia como país livre, Mannerheim outorgou ao Parlamento a escolha do regime finlandês e este optou pela forma republicana democrática.

E a primeira demonstração democrática da Republica Finlandesa foi feita a 17 de junho de 1919. O Parlamento, com 200 figuras foi eleger o presidente da Republica. Mannerheim sofreu a mais esmagadora derrota que se pode imaginar. Concorrendo ao prelio presidencial, obteve 57 votos, enquanto o seu concorrente Stahlberg conseguiu 143...

Gustavo Hannerheim tem, hoje, 72 anos e é considerado um idolo nacional da Finlândia.